

Primeiramente, Fora Temer!¹

Viviane Menna BARRETO²
Faculdade Estácio FAP, Belém, PA

Resumo

Este é um artigo opinativo que reúne inquietações de uma professora de comunicação comunitária frente à crise de credibilidade que vem abalando a mídia corporativa e as instituições democráticas. Construído sob a forma de indagações formaliza por meio de perguntas inquietações pedagógicas diante do embate entre o ensino de teorias anacrônicas e a realidade jurídico midiática que parece romper todos os pactos sociais. Trata de dilemas éticos do ensino de uma comunicação pró-cidadania em um momento onde a barbárie parece se anunciar. Objetiva pensar na docência enquanto ferramenta de reformulação da compreensão do papel social do comunicador para amparar estudantes envergonhados com sua profissão. Trata do jornalismo refém de uma mídia moribunda que teme manifestações dos entrevistados e disfarça repórteres e cineastas para poder ir para rua.

Palavras-chave: docência; extensão universitária; comunicação; mídia corporativa; resistência.

“Primeiramente, fora Temer!” Assim, ao vivo, a seco e na lata. Quem são esses populares e especialistas que iniciam suas entrevistas nas mídias corporativas televisivas com este imperativo? Independente do tema em pauta, eles demonstram, de forma oral ou escrita, seu repúdio ao presidente interino e subvertem a previsibilidade midiática em uma ação de guerrilha verbal, resistência e inconformismo. Estes pequenos atos inauguram práticas cotidianas de desobediência civil que poucos minutos depois ressoam e viralizam nas redes sociais e nos sites das mídias livres transformando anônimos em heróis da resistência e do escracho que dão voz ao desejo de muitos.

Outros promovem boicote contra a manipulação da mídia, se negam a dar entrevistas. E ainda esfregam nas redes sociais da sociedade *prints* exibindo o convite negado. Será que vão faltar especialistas? Ou surgirão novos peritos mais alinhados a postura do atual governo? Como tratar deste cenário em sala de aula? Como ensinar cidadania e direitos humanos quando temos que nos preocupar com canetadas como a da deputada Sandra Faraj que tenta aprovar projeto de lei 01/2015 que pretende amordaçar a boca dos professores?

Como nós professores, podemos e devemos atuar na sala de aula neste momento de crise das mídias? Que jornalismo ensinar diante deste reposicionamento do papel do jornalista? Como falar do orgulho pela profissão quando quase todos os cinegrafistas da mídia corporativa se disfarçam para acompanhar as manifestações ou não se identificam nem mesmo nas mais ingênuas externas com medo de sofrer represálias? Como falar em ser mídia para nossos focos quando não há mais orgulho em se assumir como jornalista? Quando em frente aos prédios das emissoras rola a maior pressão direta dos movimentos sociais que se concentram em frente às antenas luminosas durante paradas estratégicas onde jograis de militantes ecoam gritos de repúdio contra o cinismo das emissoras? Como falar

¹ Trabalho apresentado no DT – Comunicação Espaço e cIDADANIA do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 6 a 8 de julho de 2016.

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC SP. Professora dos Cursos de Publicidade e Jornalismo email: vivimenna@uol.com.br.

de ética com nossos futuros comunicadores quando apresentadores tentam manipular pesquisas ao vivo? Como falar de normas para a concessão e em comunicação social quando aquele teu aluno mais abusado viraliza pela internet memes da Globo Golpista, Rede Globo de Manipulação?

Como não sentir vergonha alheia, mal estar mesmo, diante daqueles consagrados jornalistas que se dão ao papel de dizer mentiras descaradas? Quando a mídia internacional que exerce o papel de ativista, faz longos editoriais ou programas humorísticos exercendo pressão indireta contra o oportunismo, falta de profissionalismo e péssima qualidade das coberturas jornalísticas tupiniquins?

Como devemos nos comportar? Como deve agir o professor que não é adepto de antidepressivos? Ainda não sei responder estas inquietações, mas adotei algumas atitudes paliativas: não assistir a programação das organizações Globo ajuda, mas não é suficiente. Afinal diante da ciranda política enlouquecida precisamos da Rede Globo para entender as reviravoltas da corte e analisar o discurso das narrativas midiáticas. Porque na dúvida e sempre rola duvida e estupefato, ainda resta a sábia orientação de Leonel Brizola: Na dúvida quando a rede Globo é contra sou a favor.

Mas superada esta introdução com cara de desabafo, ou exaurido este desabafo com cara de terapia aviso aos leitores que não é esta a proposta deste artigo. Não pretendo falar da situação política atual, uma vez que não tenho competência para isso. Apenas compartilho as dificuldades de uma professora de comunicação e faço um apelo a inteligência coletiva aqui reunida.

Sou professora de Comunicação Comunitária e Introdução as Profissões em Comunicação e estou Coordenadora de Extensão em uma faculdade particular situada fora do eixo Rio-SP que teima em pensar como faculdade pública. Por atuar com extensão compartilho com meus alunos além do campus da faculdade a diversidade de várias Amazônias. Sou urbana, fluvial, rural, periférica encaro de alguma forma existências dos que se submetem a uma relação feudal que beira a escravidão, onde o isolamento é compensado pela poética das paisagens quebrada algumas vezes por uma bandeirinha vermelha que amarrada em uma açazeiro sinaliza zonas de internet. Ora vivo conectada 24 horas, ora meu *WhatsApp* só aparece nos repentes e trovas dos cordões de mascarados que teimam em fazer um jornalismo popular que conta histórias orais de Brasís que ninguém vê na TV. Quantos Brasís existem assim, para quem nunca houve a esperança que perdemos? Afinal em que ano vivemos? Não vai pensando que todos vivemos em 2016. Concomitantemente nos chocamos agora com as novas medidas políticas que parecem nos levar de volta ao passado e rapidamente enferrujam o bronze das conquistas sociais e políticas. Mas para muitos isso nunca foi conquistado e, a despeito de todas dificuldades sociais entre as pessoas mais simples a solidariedade e a dádiva nos levam a rever esses valores embutidos na economia do lucro que nos vendem o consumismo e a globalização como única fórmula para se viver.

Que temporalidade é essa que existe para as pessoas que encontro por onde transito e que me obriga a repartir meu tempo entre a inclusão e exclusão digital? Entre ter luz e água encanada e não ter nada. Parece que além de todas as exclusões, além da escassez da água iremos compartilhar a escassez de direitos que antes eram parcialmente assegurados a nos brancos, universitários que vivemos nas capitais alimentando o consumismo e tentando parecer ricos apesar de na real sermos apenas um bando de escravos e endividados.

Como falar em perspectiva de futuro para meus alunos de jornalismo que me acompanham nas Cartografias Amazônicas entre florestas e rios contaminados com mercúrio ou ameaçados pelo vírus do progresso ganancioso e devastador das Hidroelétricas que negam a existência de quem vive nas bordas do paraíso amazônico? Como falar em cidadania diante de leis que nunca funcionaram e de uma realidade social perversa onde um pai troca uma filha por alguns litros de gasolina? Mergulhada na experiência vivenciada durante ações de extensão desisto de entender essa lógica e me entrego meio moribunda, tentando sobreviver a falta de noção e apenas sigo tentando me fazer presente onde história acontece com a missão de ser testemunha, a missão de tocar e ser tocada pelos rebeldes, pelos ativistas, pelos camponeses, ribeirinhos, indígenas que vivem nas fronteiras do extermínio e da invisibilidade social.

Como dialogar com personagens que enxergam toda essa realidade como natural, como dialogar com essas pessoas sem direitos que acham essas perdas corriqueiras. São pessoas que sempre enxergaram o Brasil da perspectiva das bordas da sociedade, onde nunca houveram direitos.

Quem é o míope? Quem usa óculos? Quem está enxergando direito?

Como explicar para meus alunos o salário de um jornalista? De um escritor? De um poeta? Como explicar o salário de um historiador ser menor até do que o de um farinheiro e depois falar sobre teorias que renovam a importância da mídia para formar e transformar a opinião pública?

Cadê os mocinhos? Cadê os heróis? Como ficamos quando não restam nem mais as leis ordinárias, vagabundas, prostitutas pra contar a história dos perdedores, quando a constituição não garante mais nada pra ninguém?

A metodologia da experimentação encontra na ousadia de se lançar para o caos a única possibilidade de sobrevivência. O recomeçar a cada dia a esperança no amanhã só encontra eco embarcada em uma canoa, viajando pelos rios Tocantins, Trombetas Tapajós e seus afluentes. O encanto da Amazônia ribeirinha é como um adeus. Tem data pra acabar. A mesma data do início das grandes obras que prometem produzir energia limpa.

A despeito de tudo isso a vida continua nos projetos que chegam para ser desenvolvidos na extensão, meio ao acaso, como rimas imperfeitas em uma pesquisa em construção, participativa, engajada que se aventura em convidar estudantes pra viajar na realidade brasileira.

Quem quer ser jornalista livre durante a votação do impeachment? Quem topa acampar entre jovens camponeses na curva do S e aprender a transitar entre os saberes pedagógicos e o medo da represália policial? Quem topa viver ribeirinho, cagar no buraco e beber água sem tratamento pra aprender sobre projetos de tecnologia social e turismo de base comunitária? Quem quer ser caboclo comigo no carnaval das águas? Quem topa lutar junto com os indígenas urbanos por uma aldeia multiétnica e encarar de frente o preconceito de indígenas e não indígenas contra os desaldeados mestiços parentes de alma indígena?

Como posso querer ser levada a sério academicamente depois de voltar de experiências de campo onde se denunciam impunidades, golpes e corrupção como coisas corriqueiras? Como devo lecionar conteúdos relacionados a ética tendo leis criadas para regulamentar a

comunicação que nunca foram aplicadas e concessões que nunca foram questionadas apesar de todo direito garantido numa constituição que todo mundo se sente no direito de estuprar com canetas ignorantes? A beira do desespero lembro que ainda há a utopia e arte. E só.